

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE NOVEMBRO DE 1917

ANO II—N.º 34

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1.400 | ESTRANGEIRO
SEMESTRE... 450 | ANO..... 2.450

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

CAMINHOS DE FERRO DE TURISMO

O nosso Paiz, tem até agora sido acoimado de *essencialmente agrícola*, quando na verdade, nem pão tem para comer. Importamos tudo desde o trigo ao arroz, e desde os licores aos champagnes. Só vinho temos em abundancia, mas a exportação é tão pequena e em tão más condições, que muitas vezes chega a ser um descredito apresenta-lo nos mercados estrangeiros.

Só para uma coisa fomos fadados, para um Paiz de turismo; acordamos tarde, é certo, mas compreendemos que é n'ela que está a nossa reabilitação financeira e economica.

Tudo no nosso paiz, desde o sol que nos doira, as paisagens soberbas e empolgantes, até ás montanhas cheias de sanidade, é destinado para o turismo.

Temos estradas, temos caminhos de ferro que são uns perfeitos aleijões, com os seus pessimos traçados, afastados das regiões productivas, mas feitos de forma a dar ao viajante uma impressão de beleza e de seducção extasiante que maravilha.

E diga-se de passagem, um trajecto de caminho de ferro, desenrolando uma paisagem seductora, tenta mais os viajantes que uma terra importante que sirva, ou um monumento a que dê acesso.

Note-se que a linha do Douro, alem da Regoa, não tem uma cidade nem uma povoação que se recomende, e o serviço de comboios-antes da guerra para o estrangeiro, era tão mal orga-

nizado e deficiente que não dava ensejo a atrahir grande numero de viajantes, como de facto nunca atrahiu; mas o belo-horrivel que as montanhas alcançadas a desabar sobre o rio, oferecem ao viajante tal sensação que ninguem que os tenha visto, não deseje repetir a visita.

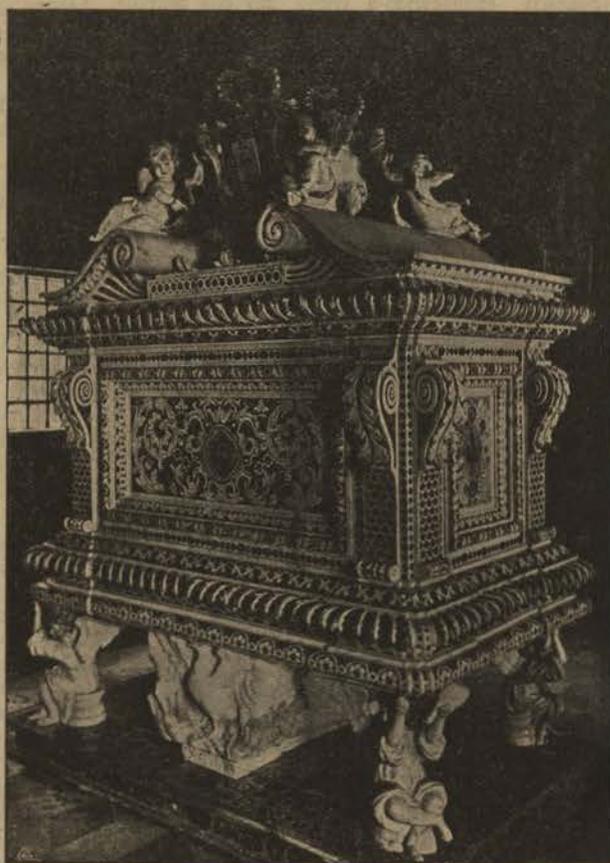
E se na Barca d'Alva ouvesse um hotel capaz, muita gente haveria que na volta de Vidago ou das Pedras Salgadas, iria até ao extremo da linha admirar a concavidade pedregosa onde o Douro serpenteia e arremete contra os rochedos.

E a proposito, aqui deixamos um alvitre á Direcção do Minho e Douro, para junto á estação de Barca d'Alva, construir, ou facilitar a construção de um hotel, não só para quem quizer ir até lá, como para quem á ida ou regresso do estrangeiro ali tenha necessidade de pernoitar.

A linha do Vale do Vouga, a do Vale do Corgo, a do Minho, a da Povia e a do Norte e Beira, oferecem tal interesse aos viajantes que muitos as percorrem por delicia.

Por isso não erramos dizer, que muitas d'elas com o seu pessimo traçado, em compensação dão ao viajante uma sensação sempre nova.

Mas o turismo só é bem feito quando o passageiro não é obrigado a voltar pela linha em que viajou á ida, pois que nenhum prazer lhe



MUZEU REGIONAL D'AVEIRO - TUMULO DE SANTA JOANA

trará o repetir imediatamente o que já viu.

Uma boa excursão deve ser fazendo uma volta redonda, e o nosso paiz, aparte as linhas da Beira Baixa e de Oeste, que formam com a linha do Norte uma grande volta, nada mais oferece ao viajante que a mesma impressão á ida.

Ultimamente abriu-se a linha do Vale do Vouga, e já permitiu aos viajantes írem a Vizeu e voltar por ella, em vez de regressar pela mesma via. Mas muito mais é preciso, é necessario estender a linha de Fafe a Cavez, e d'aquí a Vila Pouca d'Aguiar entroncar com a linha do Vale do Corgo para oferecer ao viajante que vá ao Vidago ou ás Pedras Salgadas, o ensejo de voltar por outra directriz, e fazer uma visita a Guimarães, a Vizela, a Braga sem ter que dar a grande volta pelo Douro.

E' preciso que a linha de Louzã que brevemente vae proseguir até Arganil, estenda os seus carris até Gouveia, por Oliveira do Hospital e Ceia, para formar um lindo triangulo de turismo, Coimbra, Serra da Estrela e Bussaco.

Como preciso é tambem, resolver o grande problema de viação acelerada da Beira Alta, pela sua importancia economica e politica, e pelo grande interesse que isso trará ao turismo.

O problema ferro-viario da provincia da Beira Alta, está na aproximação da linha Pampilhosa-Guarda, com a do Douro.

Uma ideia tem sido aclamada, o grande X da Beira Alta, formado pelas linhas Vizeu-Tua e Vila Franca das Naves á Regoa.

Discordamos com este projecto, pela impossibilidade da sua construcção, visto a linha de Vila Franca á Regoa constituir, em parte, uma linha paralela com a da Beira Alta, e entrar-lhe na sua zona de protecção, (40 kilometros) e por isso esta companhia porá os maiores entraves á sua realisacão.

Mas estamos em accordo absoluto com a outra, Vizeu-Tua, que vem ligar os dois ramais da Companhia Nacional, n'uma só linha, com o que muito ganhava a economia do districto de Vizeu, com a communicacão directa e a facilidade de ligacão com o districto de Bragança.

A linha Vila Franca-Regoa, parece-nos vantajosamente substituida pelas linhas de S. Pedro do Sul á Regoa e de Villa Franca das Naves ao Pocinho, aquella estabelecendo uma communicacão directa de Vizeu e linhas do Vale do Vouga com o Douro e Vale do Corgo, e esta de via larga formando uma ligacão economica e rapida das linhas da Beira Alta e Douro, e bem

assim uma linha extrategica fronteira de grande importancia militar.

Reparem agora, o que seria para o Turismo, o planalto entre Mondego e o Douro, rasgado pelas linhas de Coimbra á Gouveia, de S. Pedro do Sul á Regoa, de Vizeu ao Tua e de Vila Franca ao Pocinho, formando com os já construidos da Beira Alta, Douro e Vale do Vouga, uma larga rede ferroviaria, lançando ouro ás mãos cheias na economia da vasta região.

“RENDEZ-NOUS LA BONNE AUBERGE DE FRANCE,”

Sob esta sugestiva epigrafe, publicou, ha dias, o «Figaro» um excelente artigo de Gaston Fleury, de que traduzimos literalmente uns periodos em que esse brilhante jornalista, dissertando largamente sobre a vitalidade da França depois da guerra, refere-se especialmente á industria do Turismo, enaltecendo-a como um dos primordiais factores do futuro economico francez. Nesses periodos o vigoroso articulista dirige-se d'uma maneira directa aos hoteleiros da provincia; chamando-os á boa razão pelo convencimento da necessidade que lhes importa em seguir as indicações que presta.

Ei-los:

.....

«Assim vós abrireis as vossas regiões a uma élite entusiasta, que nunca vos esquecerá mais. Vós cumprireis duplamente uma obra de interesse nacional, de que resultará, para a respectiva região, uma prosperidade até aqui desconhecida e que se estenderá a todos. Creéis, a exemplo da Suissa onde a acção turistica não teve outra origem, os bancos hoteleiros regionaes; repetindo-vos que as belezas do nosso ceu e do nosso solo constituem a primeira das nossas minas d'ouro. A seguir acioneis sem hesitações e sem receios.

«Comtudo, nada ha de mais facilmente realisavel: modestos capitaes, bom gosto, tato, honradez, uma competencia profissional manifesta; o culto da antiga cosinha franceza, desdenhando as chemicas corruptoras, e uma cave—uma verdadeira cave—amorosamente cuidada... Um pessoal feminino, com os cabelos bem penteados e as mãos cuidadosamente tratadas; de passos leves, despertando confiança para a intimidade e discreta reserva; evitando, sobretudo, o horror das gran-

E não pensem que isso ia custar rios de dinheiro, não, pois toda esta rede ferro-viaria, que não iria muito além de 300 kilometros, não representa os encargos que outros de muito menor importancia e extensão, teem custado.

A não ser a de Arganil a Gouveia, cujo terreno é um tanto acidentado, a de Vila Franca ao Pocinho é trajecto de perfeito patamar, e as outras duas não se comparam ao acidentado terreno do Vale do Vouga e Vale do Corgo.

des mezas dos antigos hoteis, semelhando muito tristemente uma gamela comum, onde os olhares se cruzavam inquisidores e desenfiantes, como nas refeições colegiaes... eis as melhorias a adoptar.

«Compreendeis qual a feição a dar aos pequenos albergues do grande albergue da França?

«D'architecture muito simples, adaptada ao clima, na provincia, esses edificios devem ser cheios de luz, rodeados de parques bem tratados, mas sem vislumbre de qualquer pretensão; situados, de preferencia, fóra da aglomeração das moradias, onde haja um espaço sufficiente para bom recreio das crianças; mobilados com sobriedade mas sob o aspecto da alegria que encanta; com enorme profusão de agua; sem pinturas nos quartos de bastante vastidão, com largas janelas a transmitirem-lhe muito ar e muita luz, muita vida e toda a doçura, o encanto da seiva campestre, da saude da campina, insuflada do belo aroma das arvores, perfumando a serenidade d'uma existencia ideal...»

.....

Todo o artigo a que nos referimos é um brado do sentimento francez, é uma verdadeira ode nacional, onde a existencia da França é descripta sob o aspecto da mãe esperancada no completo auxilio dos seus filhos, para lhe assegurarem a sua gloria futura. E, certamente, eles corresponderão a esse apelo, encaminhando os seus esforços no sentido de levantarem a sua patria ao maior grau de prosperidade.

E' sempre esse o sentimento que domina a França.

Cá, no que respeita ao mesmo assumpto—hoteis de provincia—o pensamento é semelhante ao do articu-

lista do «Figaro»; e, ainda, no Congresso hoteleiro, realiado este ano na Sociedade Geographia, foram apresentadas algumas theses que na generalidade a ele se referiram e, particularmente, a da autoria do nosso Redactor Principal.

Infelizmente, não nos é dado podermos contar com a influencia moral de todas as tentativas que se tem feito, para se conseguir despertar na quasi generalidade dos hoteleiros das nossas provincias, o enthusiasmo pela patria e .. pelos proprios interesses. Apesar das diligencias empregadas no in-

tuito de corrigir-se os vicios de origem, nenhuma poude ainda fazer desviar para bom caminho as falsas ideas, filhas d'uma extraordinaria má-comprehensão que impera no limitado circulo intellectual de quasi todos os hoteleiros provincianos. Por isso é que, enquanto as provincias da França se vão enriquecendo material e moralmente em manifesto paralelo com o seu gradual desenvolvimento no qual a ação turistica tem o maior e mais incomparavel realce, as provincias portuguezas definham-se n'um desolador estiolamento.

Em varias viagens que fizemos pela Beira Alta nos comboios internacionaes, tivemos occasião de ver passageiros, vindos da America do Sul, exaltar a maravilha do nosso clima, de que ainda ninguem lhe havia falado.

Portanto a maior propaganda do nosso Paiz, é certamente, o mostrar ao viajante as belezas das paisagens, da nossa terra, cheia de beleza e de encanto, atravez da janela do comboio; esse viajante ha de por certo exaltar a par das comodidades que lhe ofereçam.

E, na volta do theatro da guerra, ha de demorar-se entre nós uns dias para admirar, para gosar o que de belo o nosso Paiz possui.

E quando esgotado, pela fadiga, pela impressão, da visita ás trincheiras abertas sobre terrenos e entre monumentos, que ele viu belos e surpreendentes, e ainda quando a bolsa não lhe permita maiores demoras na Europa, ha de certamente ter na memoria, um desejo de conhecer uma coisa atraente, que ligeiramente se lhe mostrou em Portugal.

Depois, nem toda a gente, que vier á Europa, vem na mira de observar a imensa derrocada, vem porque se habituou ás ameudadas viagens a Paris, e porque vae em quatro anos que está refido na America, sem poder jornadejar pela Europa.

E ainda, outros ha, e um d'elles é o proprio sr. Mendonça e Costa, segundo ele ha pouco nos disse, que tem uma certa repulsão por ver derrocados monumentos, em que ha pouco constituíam a sua admiração.

Prepare-se pois o nosso paiz com bons hoteis, estabeleçam-se comboios commodos e velozes, e faça-se uma intensa propaganda das nossas belezas naturaes, do nosso clima, e dos nossos monumentos, que esses viajantes que vão passar a correr hão de por certo desejar conhece-lo e se não for hoje será amanhã, a nossa terra receberá a sua visita que ha de ser benéfica e remuneradora.

E para que nós possamos mostrar, uma coisa atrativa, bastará que o viajante apressado, ao deixar o vapor disponha de umas horas para ir a Cintra e aos Estoris, e mire no seu tracto veloz, o delicioso vale do Tejo, os campos verdes e Idyllicos do Mondego, as montanhas alcantiladas de arvoredo do Bussaco, essa paisagem holandesa da ria de Aveiro, e os montes a desabar de vinhedos do Douro, desse surpreendente Paiz do Vinho, e as alcantis maravilhosas das escarpas da Regoa a Barca d'Alva.

Bastará isso para da futura avalanche turistica, tirarmos um proveitoso resultado.

G. M.

DEPOIS DA GUERRA O TURISMO

A nossa brilhante colega *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, com aquele titulo, insere em artigo editorial, uma serie de considerações sobre o que será o turismo *après la guerre*, e quer com argumentos fortes, contestar a nossa fé, em que depois da guerra o nosso paiz será largamente visitado por estrangeiros. E acrescenta que, todo o movimento de turismo se concentrará no local onde hoje se debatem as tropas beligerantes.

E a nós, o que nos está só reservado é uma passagem fugitiva de sul-americanos atravez do nosso paiz, nas almofadas macias do *sud-express*.

E as illusões que o sr. Mendonça e Costa no seu longo artigo da *Gazeta*, nos quer desfazer, vão até ao ponto de afirmar, que ao nosso paiz, está reservada a mesma sorte da Italia e da Hespanha, onde não haverá motivos de atração que possam suplantar o impressionante espectáculo do theatro da guerra.

Até certo ponto estamos em absoluto acordo com a *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, mas isso não vae alem de julgarmos que os campos das operações atrairão a avalanche de viajantes de todo o mundo.

Mas d'essa avalanche alguma coisa ganhará Portugal, e não será pouco.

Diz o sr. Mendonça e Costa no seu artigo, que, será preciso desdobrar o *sud-express* para levar de Lisboa a Paris, os milhares de viajantes que por mar nos visitarem.

Ora bem, se outra vantagem, não tivesse para nós, essa, parece-nos já bastante.

Antes da guerra, mantinha-se, com pesados sacrificios, diga-se na verdade, o serviço ferro-viario internacional, que era constituído pelo *sud-ex-*

press, pelo rapido de 1.^a e 2.^a classe e pelo comboio correio, percorrendo o primeiro de 1895 kilometros de Lisboa a Paris, em 32 horas, o 2.^o em 37 e o 3.^o em 52.

Esse serviço, apesar de representar um pesado encargo para as linhas portuguezas e hespanholas (de Salamanca), era sucessivamente melhorado na expectativa de maior concorrência.

Pois bem, não ha turistas em Portugal por que não ha hoteis nem bons comboios, não ha bons comboios nem hoteis, porque não ha turistas.

E' preciso estabelecer primeiro as comodidades que depois virão os turistas.

Ora com a avalanche de turistas, em rapida viagem para Paris, dará ensejo ás companhias de caminhos de ferro para melhorar os seus serviços, que irão, certamente, ao acceleramento do *sud-express*, e á elevação do rapido de 1.^a e 2.^a classe, á velocidade do *sud*, e ainda o correio com carruagens das tres classes será melhorado, pois os viajantes darão para tudo.

Lá fóra, antes da guerra, os comboios rapidos com carruagens de 1.^a e 2.^a e até com 3.^a tinham velocidade quasi eguaes ao dos comboios de luxo. Nós podemos fazer o mesmo.

Uma vez Lisboa ligada por 3 comboios diarios com Paris, e por 1 com Madrid, e ainda outro do Porto, pelo Douro, com Madrid e Paris, todos com velocidades extremas, acreditem os pessimistas, Portugal terá dado um grande passo para a conquista do Ideal Turistico, que tanto ambicionamos.

Depois, repare-se bem, o nosso paiz, tanto na America, como na Europa, é, por assim, dizer, uma terra desconhecida.

PAISAGENS PORTUGUEZAS

AVEIRO

O despertador rufou apressado anunciando as 6 horas da manhã. O comboio era às 7 e 9. Que maçada! deixar essa cama quente e fôfa do Grande Hotel do Porto, e ir, n'aquela arripiada e nevoenta manhã de outomno, até Aveiro, apesar de ir ter uma sensação nova na fresca e aquática cidade da beira mar.

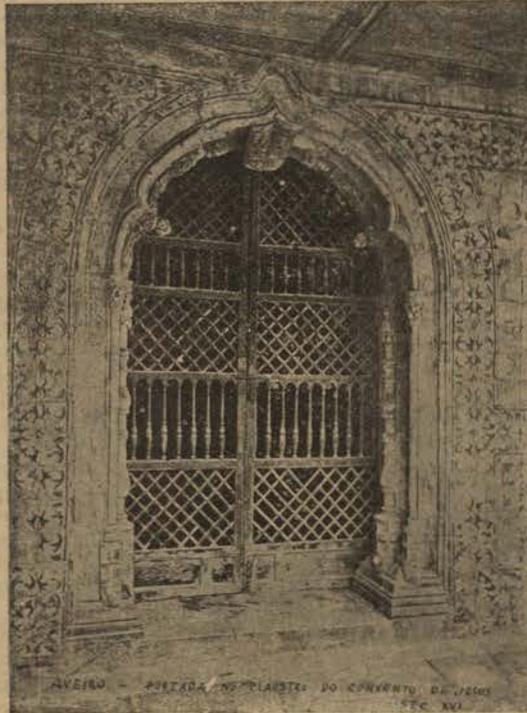
Quiz arremessar aquele maldito relógio, que impertigado para mim, já descia o ponteiro comprido, apressado para as seis e meia.

Tinha que ser, de um salto brusco mergulhei no lavatório, e com duas grandes passadas, nos passeios de granito da laboriosa cidade, fui até S. Bento onde um comboio, ainda estremunhado, me ofereceu uma almofada comoda, e confortável.

Um apito estridente, e oportuno fez mergulhar aquele monstro de ferro na escuridão do tunel grande; e d'ahi a momentos, o comboio arfava nas arribas alcantiladas do Douro, envoltas n'uma densa linha, ocultando os barcos rabelos, que cheios de gente vinham trazer á cidade o vigor dos braços trabalhadores.

Quiz fazer um entendimento com o somno e ofereci-lhe o repouso de uma hora, mas um sol novo, encheu o compartimento dando-me os bons dias, emquanto através da vidraça, e olhando o mar que se desfazia na Aguda, tive a impressão que sonhava.

Esquecido por completo da viagem, vi-me transportado aos capitulos da Ho-



landas brancas, de pano novo, e outros menos felizes ofereciam só os paus nus e corcomidos, como que reformados de uma vida trabalhadora e aturada.

Mais adiante, nos prados frescos e alagados, vacas leiteiras retouchavam na relva, e... esfreguei os olhos; podia lá ser, eu estava sonhando.

Pelos canaes, cortando as planuras semeadas, enormes barcos sabinos, com a vela aberta ao vento.

Era a Holanda, era Ramalho a descrevê-la, que a desenrolava aos meus olhos estremunhados? Mas não, era o Vouga, que sem pressa de entrar no Oceano faz uma visita aos arrozaes, e aos prados de milho, alagando tudo, com a sua agua de esmeralda.

A Ilusão continúa, porque por outros canaes, onde a herba, desce para as aguas, avançam, puchados á cirga novos barcos, e para me dar a ilusão que não estou sonhando, vejo sobre eles, aquelas doces mulheres da Holanda, que para se diferenciarem d'elas apenas substituem o carapuço, de renda pelo chapéusinho de feltro emplumado.

Já Ramalho Ortigão, notou que havia uma certa descendência portuguesa na Holanda, agora o que ele se esqueceu certamente é que ali perto á terra que o viu nascer, ha um pedaço do doce paiz neerlandesco, a que ele tanto se afeiçoou.

A's nove e meia descia eu em Aveiro, onde um amigo querido, fazendo as honras da terra, me esperava para me mostrar duas coisas; para mim — e para vós leitores, também certamente — ineditas.

O Museu Regional de Aveiro, e a fabrica de louça da Fonte Nova.



AVEIRO - Uma sala do Museu Regional

landa, em que Ramalho Ortigão, com a sua magia de estylo,

Duarte Mello, o meu obsequioso amigo, prestara-se a meu cicerone, a acompanhar-me na falta do não menor amigo, Marques Gomes, director do Museu, e fazer realçar ante mim duas coisas que Aveiro tem de interessante e digno de uma visita.

Antes de sahir da estação, que é em estylo nacional e uma perfeição artistica, que é obra sua, Duarte Mello quiz mostrar-

AVEIRO — Outra sala do Museu Regional



me, uma coisa bela que com o seu esforço, conseguiu; vestir o rodapé da estação, com paisagens da nossa terra habilmente, desenhadas em azulejos, onde não foram esquecidas as têlas salinas, a ria de Aveiro, que alaga a cidade n'uma visão veneziana, as paisagens idilicas da região, onde vemos fielmente retratadas as moças varinas, de contornos esfericos e tornozolos de jaspe. E até oh! sagradas recordações! vemos estabelecida em paralelo, um trecho da cidade ha 100 anos com o d'agora.

E lá no alto da estação, emoldurados em graves medalhões retratam os benemeritos da terra, entre os quaes, Firmino de Almeida, a quem Aveiro, muito deve.

Toda essa obra esmaltada em azulejo, se deve á fabrica da Fonte Nova que Duarte Mello nos vae mostrar.

A Fabrica da Fonte Nova, é d'estas coisas que mais mostram pelo que encerram que pelo que demonstrou exteriormente.

Um portão de madeira com a tinta desbotada, dá passagem ao interior da olearia, onde n'uma modestia digna de vaidade, existem meia duzia de trabalhadores

inteligentes, esquecidos entre o labor diario, da obra que vão derramando com retoques de grandes artistas.

senhando em azulejo crú, paineis de uma maravilha de perfeição.

Duarte Mello tem sido o grande propagandista da obra dos dois artistas; já vestindo varias estações de caminho de ferro, onde ele é chefe de serviços, como a Granja, Ovar, Estarreja e Aveiro, e outras que seguirão, com os seus azulejos, em que se mostram as nossas paisagens e costumes, e já lançando-os ao interesse dos amadores de pintura em azulejo.

Subimos á oficina de pintura, e ali o nosso pasmo, chegou ao auge, por ver dois artistas, quasi amadores, de-

O Museu Regional de Aveiro, abre-se pesadamente, n'uma porta conventual.

E lá dentro através das suas salas fradescas, nota-se quanto pode a iniciativa de um carola — e eu tenho uma funda sympathia pelos carolas, sinonimo de caturra — e ao mesmo tempo, quanto vale a perseverança.

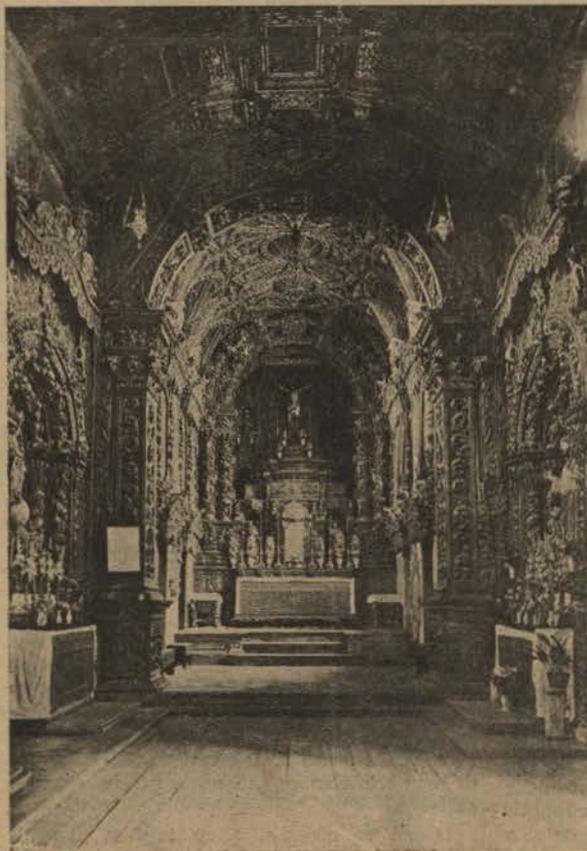
Começamos a visita, que o amavel cicerone vae mostrando, pelo tumulo de Santa Joana. Que maravilha, de embutidos em marmore! Que perfeição de ornatos! E pena é que o teto que lhe esmaga a cimalha, não seja mais alto para que a grandeza de tão bela obra não sobressaia mais.

Santa Joana, a devota princeza portugueza, que ali morreu, e passou grande parte da sua vida, tem ali con-

sagração não só no seu tumulo, mas na igreja de Jesus, ao lado, onde ella espirou, e que é uma maravilha em talha dourada.

Mas vamos ás outras salas, onde, em quadros admiraveis de pintura sacra, nos estavamos pela beleza das suas linhas, pela perfeição e colorido das suas figuras.

Mas o museu, não se li-



AVEIRO — Interior da Igreja de Jesus

mita às esculturas e aos painéis, mas também aos móveis antigos, trazidos dos conventos; às pequenas imagens em barro de olaria barata, com mais de cem anos de veneração em lar doméstico. Ha pequenos presepios, com reis magos de pernas partidas, e Meninos Jesus, sorridentes sobre palhinhas em berços maiores que a mangedoura onde uma vaquinha, com as orelhas de barro, já corcomidas, espreita com doce espanto; os reis magos, com caras de judeus errantes e que ofertam presentes.

Ha alfayas sacras, com bordados a ouro de valor extraordinario, ha rosarios e joias de esmalte velho reluzente parecendo novo, e ha a indu-

mentaria regional e ha sobre tudo, um carinho desvelado a colecionar e a dispôr tudo, de um director intelligente e um cicerone, que parece com os conhecimentos que tem do Museu, exercer ali graciosamente o lugar de Sub-Director.

A tarde tinha descido, sobre a nossa contemplação ao Museu, e os ultimos raios de sol, que nos sobejam, gastamol-os a ver a cidade, emergindo dos seus canaes, que cada vez parece-nos mais linda, mais moderna e mais seductora.

GUERRA MAIO.

ARTE E LITERATURA

A ARTE DO POVO

Por ocasião da abertura da ultima exposição de arte regional realizado no Palacio Franco dos Santos, o illustre publicista Sr. Xavier Cordeiro, proferiu uma sentimental oração subordinada ao thema: «A Arte dos Povos», da qual nos permitimos extrahir os periodos em que a inspirada sugestão da palavra e o inflamado patriotismo do verbo, atrahe a nacionalisação da Arte, e ao real aproveitamento da inspiração portugueza.

Não sou um artista nem um esteta: —posso apenas, mercê de Deus, um pouco de emoção para vibrar deante das cousas belas. E quando essas cousas belas me falam da linda e boa Terra de Portugal, quando surgem espontaneas da alma lirica do nosso povo—sobre todos lirico, a minha emoção funde-se no sentimento que delas dimana, como se fosse uma perdida nota no languissimo acorde de inspiração que palpita e se desprende do respiro profundo da Terra.

O oleiro que molda a sua anfora, pondo-lhe nas asas a singela graça alada em que exprime a sua aspiração inconsciente de artista; o zagal que, emquanto apascenta os rebanhos, vae com a ponta da sua faca abrindo sulcos de graça na cana das rocas, no corpo esguio dos fusos, ou na curva macia da colher com que a pobreza come o seu caldo abençoado; a rendeira que concebe o milagre da sua renda ténue como a espuma do mar, ou como as nuvens do ceu; o tecelão que espiritualiza e anima com o ritmo da cor a manta que defende do frio dos invernos com o seu claro matiz de primavera; — todos esses obscuros obreiros, emfim, tem dentro de si a cantar, a chorar, ou a rezar a alma

cantante, melancolica e piedosa de Portugal.

Uma ave que canta sobre uma ramada verde, um coração que uma seta faz sangrar, uma cruz que, entre flores, nos abre os braços, na unica promessa em que se pode esperar e crer: —eis os motivos ornamentaes preferidos pela arte espontanea do nosso povo, cuja alma é feita d'uma canção, d'uma écloga e d'uma prece.

Diante de cada uma d'essas manifestações da pura emotividade popular, devemos sentir erguer-se, numa palpitância mais larga de vida e de amor, o nosso coração de portugueses.

Nesses rudes mas tão sinceros interpretes da Alma Nacional está a voz eterna e profunda da Raça a chamar-nos para as origens mais puras da nossa sensibilidade. E' preciso obedecer-lhe, se quizermos ser portugueses.

Um portuguez que ame a sua terra, que se não tenha ainda deixado corromper pela febre de exotismo que anda no ar, a pairar como uma nuvem funesta, não pode deixar de sentir uma bela comoção ao entrar nestas salas.

D'aqui se divizam, n'um relance, as lindas provincias de Portugal:—o

Minho alegre com as suas côres ardentes, o misticismo rude das serranias da Beira, a religiosidade silente da planicie alentejana — todos os recantos ásperos ou floridos desta Terra de Promissão, aqui mandaram um pouco da sua alma, n'uma romaria encantada.

Como fervoroso nacionalista que sou, verifico com desvanecido prazer que começa, emfim, em Portugal a comprehendere-se o alto significado da arte regional, criada pela emoção ingénua do nosso povo.

A arte popular não basta, é certo, para que um paiz possua uma Arte sua. Mas certo é tambem, que sem que exista e se comprehenda a Arte popular, não pode paiz algum afirmar que tenha uma Arte nacional.

E' necessario que arte popular coexista com a arte culta, ou de *élite*.

Entre as duas dá-se uma relação semelhante á que existe entre a semente e a flôr que d'ela nasce.

A arte popular é a semente, é o principio gerador de que a arte culta deve florir.

Não podemos nem devemos pedir a um ceramista que molde um vaso ou uma jarra decorativa igual á anfora ou á infusa que sae das mãos rudes d'um oleiro; — não podemos nem devemos pedir a um architecto que copie servilmente a casa humilde e graciosa das aldeias de Portugal e a transporte para a cidade; — não podemos nem devemos querer que um compositor componha, para a orchestra ou para o piano, a mesma melodia singela que o pastor toca na sua flauta, ou que os rapazes e *mal-las* raparigas cantam nas ciras, pelas escamizadas, ao luar de agosto; — não podemos pretender que o poeta faça quadras iguaes ás que improvizam os cantadores nas desgarradas, ou ás que os cegos gemem, n'uma voz tão velada como os seus olhos, quando andam na peregrinação sem fim, a dizer as desgraças do povo, por casaes e herdades: — mas o que todos nós, portugueses, devemos exigir ao ceramista, ao architecto, ao musico, ao poeta, é que descubram n'essas expressões espontaneas da alma popular o principio misterioso de beleza que n'elas reside, para d'ele fazerem desabrochar a flôr requintada de Arte, que satisfaça o nosso espirito sequioso de alta e aristocrática beleza, e dê, ao mesmo tempo, ao nosso coração o belo prazer de palpitar n'um alvoroço de festa, revendo-se n'uma obra de arte, que seja bem portugueza.

Tal é, em meu entender, a missão da arte popular. Ela será o ponto de partida do caminho iluminado que a arte de *élite* tem a percorrer, em demanda da Beleza.

Orientada assim, a Arte terá sempre uma alta missão moral e social a cumprir, qual é a de prender os povos á Terra em que nasceram, abrindo-lhes o coração e os olhos para o que de belo existe no torrão a que devem estar arraigados como uma arvore que não morre, porque tem as raizes nas sepulturas e a ramagem sempre a florir, no renovo constante de novas vidas que vão surgir como incessantes primaveras.

A Arte tem, sem duvida, uma missão que não é apenas de realização de beleza plastica, de côr, de som ou de ritmo: — é tambem de beleza moral, sem o que pode transformar-se no lóbrego e tortuoso caminho que conduz á negação, ao vicio, ao crime ou á loucura.

O Belo pelo Belo apenas, no significado mórbido da expressão, collocamos á beira do despenhadeiro em que se quebram todas as disciplinas do espirito.

A Arte sem uma absoluta eurythmia, sem a confluencia de todos os ritmos da vida espiritual, não é Arte.

Se eu, como homem, abomino as aberrações moraes, o crime, todos os desvios morbidos do espirito, emfim, — como é que os hei de amar em estetica e eleva-los á categoria de motivos inspiradores da obra de arte?

A creatura que por qualquer forma contraria a Natureza, cedendo ás solicitações doentias do seu espirito, comete sempre atos que, sendo maus em Moral, são infalivelmente feios em Arte.

Quebrada a eurythmia por uma das faces, a obra da Arte falhou, ficando pelo menos inutil e vasia do sentido.

O Belo e o Bom têm de andar estreitamente ligados na mente do artista: — que da criação artistica resalte sempre uma ideia de Moral.

Ora a Arte que tem por fim uma obra de nacionalização, é sempre harmonicamente bela, porque realiza um tipo ideal de Beleza e Moralidade.

Nacionalizar, é fomentar o amor da Patria; e o amor da Patria é o conjunto supremo de todas as virtudes, a expressão do espirito em que maior soma de beleza se pode conter.

Não se suponha que esta doutrina cria um exclusivismo cioso e feroz, um *chauvinismo* absurdo, pelo qual só se comprehenda e admire a arte do nosso Paiz.

Não é assim: — bem portuguez me considero eu e, contudo, não recusei nunca a minha admiração ás manifestações da arte estranha, desde que essa arte seja para o seu paiz de origem o que para nós deve ser a nossa.

Eu admiro mais a França através de Mistral ou de Barrés do que através das lindas paginas mortas de Ana-

tole ou de Flaubert. Comprehendo e sinto muito mais a Espanha que palpita e vive nas telas de Goya ou no theatro de Benavente, do que aquella que mal entrevejo em alguns dos livros vãos de Blasco Ibañez.

Mas é exactamente porque as outras nações tem, ou se vão forçando por ter uma Arte, que nós, portuguezes, a devemos ter tambem, para que não nos seja preciso atravessar as fronteiras, ou esperar que os estrangeiros a atravessem vindo até nós, para sentirmos o deslumbramento da obra de Arte.

A posse de uma Arte que nos pertença fará com que possamos apreciar a dos outros povos, comparando-a com a nossa sem humilhação nem tristeza.

Minhas Senhoras e meus Senhores: — se me fosse licito formular de aqui algum pedido a quem com tão cativante bondade me tem escutado, pedir-vos-ia que, se pensaes em realizar alguma obra de arte, tenhaes sempre presentes no coração e nos olhos os motivos de côr, de linha, de ritmo e de som que emergem da alma do povo, pois eles são a legítima e não contrafeita expressão da alma Nacional.

Contribuamos todos, na medida do nosso esforço, para que Portugal tenha uma Arte Portuguesa.

Para isso, é preciso que saibamos amar a Tradição e a Terra e comprehender a alma popular. Cerquemos-nos, pois, d'estas lindas coisas simples, fazendo a nossa casa bem portugueza, e o resto virá depois, naturalmente e sem esforço.

Assim cooperaremos eficazmente na tão necessaria obra da nossa nacionalização, ao mesmo tempo que animaremos estas industrias humildes de que tantos humildes obreiros vivem, espiritualizando-se e ganhando o pão de cada dia.

.....

A Revista de Turismo e a Imprensa

CONTINUAM os nossos prezados colegas na Imprensa, especialmente os jornaes da Provincia, annunciando a publicação dos numeros d'esta Revista, referindo-se-lhe sempre com phrases significativas da mais captivante camaradagem.

Alguns d'eles tem transcrito diversos artigos aqui insertos, o que nos é muito agradavel registrar.

A todos, pois, endereçamos a expressão do nosso mais reconhecido agradecimento.

Album de Chaves

O sr. Manuel Antonio Rodrigues, enviou-nos um interessante e bem illustrado album de Chaves, com vistas e descripções da importante vila trasmontana, o que muito agradece-mos.

Acompanhando esse livro, enviou-nos tambem o mesmo senhor copia das representações, sem resultado, feitas ao governo, defendendo a passagem do caminho de ferro pela margem esquerda, e bem assim uma extensa carta em que enaltece as vantagens de tal traçado.

Sobre o assumpto, sentimos dizer ao nosso amavel dirigente, que nos é impossivel advogar a sua causa, por dois motivos poderosos.

O primeiro, e o mais importante, é que o debatido assumpto não está na nossa alçada discuti-lo, pois, já ele foi largamente tratado por pessoas de irrefutavel competencia, entre os quaes o illustre engenheiro sr. Fernando de Sousa, que se manifestaram pela margem direita, e conhecem eles mais o assumpto do que nós.

Em segundo lugar, nós tratamos de turismo, e de nada nos interessa que o caminho de ferro vá pela margem direita, ou pela esquerda. O que nos dá todo o interesse é que o caminho de ferro se faça rapidamente, pois como o sr. Manuel Rodrigues sabe, a difficuldade das communicações de Chaves, o mais importante centro comercial de Traz-os-Montes, grandes embarços tem causado a quem esse melhoramento interessa.

E a nós, como turistas, defensores e propagadores do turismo, o que nos interessa em extremo, é que o caminho de ferro se aproxime rapidamente de Chaves, e, uma vez ali, sem demora avance até Verim, depois a Orense, a ligar á rede galega e cantabrica, com o que muito ganhará o turismo do Norte do Paiz.

«CARAS E CARETAS»

COM este titulo vaé em breve sahir uma nova revista em que serão tratados todos os assumptos que dizem respeito á vida moderna. Illustrado com sugestivas gravuras da actualidade.

Inserirá tambem uma desenvolvida secção de elegancias e da sociedade, que a tornará um «magazine» certamente preferida pelo nosso *grand-monde*.

POSTOS DE INFORMAÇÕES

VAE, ao que parece, ter emfim o seu resultado pratico, a velha ideia do estabelecimento de postos de informações no estrangeiro.

Deve, pois, partir por estes dias para Paris, o illustre director da Sociedade Propaganda de Portugal sr. Padua Franco, que ali vae proceder á installação do primeiro *Bureau de Renseignements*.

O sr. Padua Franco, a cargo de quem ficará a direcção do mesmo Bu-

Posto meteorologico das Caldas da Rainha

Por iniciativa da Sociedade Propaganda de Portugal vae ser instalado um posto meteorologico nas Caldas das Rainha, estando já concluidos os trabalhos no local destinado a esse fim.

Em breve vão ser assentes os respectivos aparelhos de precisão, cujo fornecimento é feito pelo observatorio Infante D. Luiz.

NA CURIA

VENCIDAS emfim as dificuldades que impediam, o corte da linha ferrea do Norte, por uma avenida que sahindo do balneario d'esta estancia thermal, fosse até o local pitoresco anterior onde se disfructa um bellissimo panorama, podemos hoje dar aos interessados a boa noticia que a avenida já está em construcção e parece que a Companhia dos Caminhos de Ferro vae ali construir a estação da Curia, que será certamente no estylo portuguez, como as da Granja e Aveiro, para o que muito tem concorrido o digno chefe da via d'aquella secção o nosso amigo sr. Duarte Mello. A nova estação ficará a pouco mais de 100 metros do edificio balnear.



AVEIRO—UM GRUPO DE TRICANAS

reau, vae com ideias de conseguir de todos os caminhos de ferro interessados no trajecto Lisboa-Paris, não só facilidades para os passageiros, mas tambem, melhora nos seus serviços, para que, quando a guerra acabe, as relações ferroviarias Portugal-França, sejam ainda melhores do que as que eram mantidas antes.

Pensa, tambem, a Sociedade Propaganda de Portugal, logo que o *Bureau* em Paris, esteja em plena actividade, estabelecer um identico em Londres.

Como já em tempos dissémos, em Lisboa tambem vae haver um posto de informações n'um sitio central, e em que serão dados aos viajantes todos os esclarecimentos de que careçam.

E' esta uma bella ideia de vulgarisar o que é nosso, e assim ella corresponda aos desejos dos interessados.

Aos nossos escriptorios, Largo Bordoal Pinheiro 28, podem ser requisitadas as capas artisticas que mandámos fazer para a encadernação dos 24 numeros correspondentes ao 1.º ano da *Revista de Turismo*.

O preço da encadernação, incluindo as capas, é de Esc. 1870 (mil e cem réis); fornecendo-se só as capas por 80 centavos (800 réis).

Logo que a installação esteja completamente feita, proceder-se-ha á sua inauguração, com a assistencia de representantes da Sociedade Propaganda e das entidades de influencia n'aquella bela estancia thermal.

E' este um melhoramento bastante importante para as Caldas da Rainha, e que vem facilitar a confirmação do ameno clima que ali se disfructa, o que, conjugadamente com a excellencia dos efeitos therapeuticos da sua incomparavel agua, as tornam cada vez mais procuradas e concorridas.

A «REVISTA DE TURISMO»

Em Hespanha vende-se nas bibliotecas das seguintes estações:

Madrid (Atocha), Madrid (Norte), Manzanares, Valdepeñas, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

«LA ESFERA»

O numero especial d'esta Revista madrilena, consagrada ao nosso Paiz, só em 1 de Janeiro será dado á publicidade.

Consta-nos que o referido numero, será feito em um tomo de 200 paginas, e virá colaborado por pessoa de competencia do nosso meio literario, e profusamente illustrado com gravuras do nosso Paiz, concernentes a paisagens, monumentos e costumes. O seu preço será de 50 centavos.

«Castelos de Portugal»

Não foi, ao contrario do que se esperava, resolvido pelo Conselho de Turismo e pela Comissão nomeada para esse fim na sua ultima sessão, o concurso da monographia *Castelos de Portugal*, a que foram apresentados cinco trabalhos.

Só na sessão de 26 do corrente tal assumpto será apreciado, pois outros trabalhos inadivels se lhe antepozeram.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordoal Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cintra e outras terras do paiz.